

Produção e difusão videográfica como mecanismo de ação

Zapatista

Producción y difusión videográfica como mecanismo de acción Zapatista

Luciana de Paula Freitas¹

Resumo

O presente trabalho investiga parte da videografia produzida entre os anos 1998 e 2010 pelos membros do movimento indígena zapatista, buscando entender de que forma essa prática influi em suas ações de enfrentamento e defesa num contexto de globalização.

Palavras-Chave: Audiovisual indígena, EZLN, globalização, Zapatismo.

Resumen

El presente trabajo investiga parte de la videografía producida entre los años 1998 y 2010 por los miembros del movimiento indígena Zapatista, buscando comprender de que manera esa practica influye en sus acciones de enfrentamiento y defensa en el contexto de globalización.

Palabras claves: Audiovisual indígena, EZLN, globalización, Zapatismo.

1. Introdução

No dia 1º de janeiro de 1994, estampava os meios de comunicação do mundo - e em maior escala, do México - a nova reforma constitucional do Artigo nº 24 cujo caráter ameaçava a garantia da propriedade comunal aplicada em territórios mexicanos desde então, além de também anunciar a entrada em vigor do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), ou seja, tem-se o contexto de um México inserido em entranhas neoliberais e em processo de estreitamento de laços de interesses comerciais com outros países, no qual seu vizinho Estados Unidos são protagonista. Nessa mesma época também é divulgado o primeiro longa-metragem mexicano de documentário distribuído comercialmente em salas nacionais; e, não menos importante, os noticiários exibiam o levante e a aparição inaugural do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN), a primeira guerrilha pós-moderna² que, a partir desse momento, permaneceria em constante aparição nas mídias de todo o mundo. O levante é colocado por José Bengoa (p. 86, 2000) como um dos fatos que possibilitaram a emergência indígena dos anos 1990, além de: i) a forte presença da política indigenista na América Latina nos anos 1980; e ii) os 500 anos do “Descobrimento de América”, que culminou em potentes manifestações indígenas principalmente em 1992. Movimento esse que evidenciou, no âmbito latino-americano, as novas formas de se pensar os movimentos sociais – e a esquerda de um modo geral – pós-URSS, onde conceitos como socialismo, luta de classes e

¹ Graduanda em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Vitória, Espírito Santo, Brasil; lucianastk@hotmail.com.

² Segundo Carlos Fuentes. Citado no artigo “La Revolución Posmoderna” de Mario Vargas Llosa para o El País em 1996.

ditadura do proletariado perdem força frente a democracia, justiça e liberdade³. Tal cenário é posto por estudiosos de diversas áreas dos estudos culturais como consequência direta do processo de globalização, definida por Canclini (p. 58, 2007) como

[...] uma etapa histórica configurada na segunda metade do século XX, em que a convergência de processos econômicos, financeiros, comunicacionais e migratórios acentua a interdependência entre amplos setores de muitas sociedades e gera novos fluxos e estruturas de interconexão supranacional.

Justamente por estreitar laços entre nações, o processo de globalização permite o intercâmbio direto e veloz de pessoas, produtos e informações. Canclini (p. 13, 2007) ainda afirma que “onde a globalização aparece mais claramente é no mundo audiovisual: música, cinema e televisão vêm sendo reordenadas, por umas poucas empresas, para serem difundidos em todo planeta”. Grupos sociais minoritários se apropriam dessas ferramentas que são usados contra eles para elaborar contra-ataques.

Com certa frequência, a nova e poderosa mídia tecnológica, tal como as redes mundiais de telecomunicação interativa, é utilizada pelos contedores, ampliando e acirrando o conflito em casos em que, por exemplo, a Internet se torna um instrumento de ambientalistas internacionais, zapatistas mexicanos ou, ainda, milícias norte-americanas, respondendo na mesma moeda às investidas da globalização computadorizada dos mercados financeiros e processamento de dados. (CASTELLS, p. 18, 1999)

2. EZLN e as mídias

A situação comunicativa do México no contexto zapatista é de duopólio televisivo, restringindo a presença em massa de vozes de movimentos populares, indígenas e camponeses, muitas vezes utilizando suas imagens de forma criminalizadora. O EZLN, já prevenido tais ataques, reverteu a situação com a sua filosofia da palavra⁴. O governo mexicano não agiu rapidamente após o levante do início de janeiro, mas sua primeira ação para com os Zapatistas foi de invasão de território e tentativa de desmobilização. Os holofotes, entretanto, já estavam apontados para as montanhas de Chiapas.

O governo mexicano, que durante quase sete décadas de monopólio do PRI no poder tentou exercer um controle explícito e reconhecido poder de influência sobre grande parte dos meios de comunicação do país, sobretudo quando se tratava da televisão e megaimpério Televisa, teve que recuar quando as notícias vindas diretamente da zona de conflito desmentiram a versão oficial de que não havia ataques do exército federal sobre áreas civis. Os comunicados zapatistas e as denúncias dos organismos humanitários circulavam pelo ciberespaço quase em tempo real, abastecendo os ativistas de direitos humanos em todo o mundo e a imprensa internacional antes que os comunicados oficiais do governo. (ORTIZ, 2006, p. 30)

O EZLN então contava com as mídias alternativas para transmitir seus comunicados e denunciar ações violentas cometidas contra eles. Em uma dessas coberturas, estava Alexandra Halkin, produtora audiovisual norte-americana que, além de divulgar as ações dos Zapatistas,

³ LE BOT citado por GIL (p. 98, 2013)

⁴ PÉREZ (p. 19, 2003).

preparava um documentário sobre esse tema para uma ONG estadunidense. Lá, se surpreendeu com a organização indígena e viu quantas organizações e instituições estrangeiras se dirigiam aos territórios rebeldes com o intuito de narrar o que sucedida, concluiu então que “*Era muy claro que los Zapatistas tenían la historia; lo que no tenían eran los medios para transmitirla ellos mismos*” (HALKING, p.6). A partir disso, utilizou sua influência e conhecimento do meio audiovisual para incentivar produções conduzidas pelos próprios Zapatistas. Essa iniciativa partiu da ONG para a qual trabalhava, chamada Promedios, que logo estendeu-se para o sul do México, gerando o Chiapas Media Project, projeto que inicialmente ofertou aos membros jovens do EZLN cursos de especialização em linguagem, filmagem e edição de vídeos. Além disso, houve, a partir de arrecadações mundiais, doação de equipamentos, o que a longo prazo possibilitou que tivessem autonomia de produção e divulgação de seus curta-metragens.

Neste momento, com o advento da internet e a elaboração de equipamentos cinematográficos mais portáteis, a comunicação global estava ao alcance de um movimento com muito a dizer.

3. Videografia Zapatista

Aqui nos ocuparemos da análise de 14 vídeos, escolhidos como objeto de estudo com base em alguns critérios como: i) disponibilidade no canal do Youtube da Promedios⁵; ii) duração de até 20 minutos; e iii) produção entre 1998 e 2010. São eles: *La familia indígena (1998)*; *The bad harvest (1998)*; *Proyectos de medio (1998)*; *Mujeres unidas (1999)*; *La tierra sagrada (2000)*; *El silencio de los Zapatistas (2001)*; *El huerto de Zapata (2002)*; *Son de la tierra (2002)*; *Xulum'Chon (2003)*; *La lucha del agua (2003)*; *La tierra es de quien la trabaja (2004)*; *La vida de la mujer en resistencia (2005)*; *La otra comunicación (2009)*; e *Bitácora del audiovisual Zapatista (2010)*.

O primeiro vídeo produzido pelos indígenas Zapatistas foi no ano de 1998, com o curta-metragem *La familia Zapatistas*. Os aspectos essenciais que o caracterizam o perpassam, de certa forma, as produções posteriores, ainda que seja explícito o aperfeiçoamento de técnicas de filmagem e montagem. Aspectos esses que incluem: i) as temáticas. É abordado neste primeiro filme a relação existente entre os membros de uma comunidade Zapatista com os modos de trabalho, que abarcam a construção de estruturas e ferramentas; os processos da produção de alimento para consume próprio, desde a plantação, colheita, até a preparação de receitas típicas. Ou seja, sugere como, a partir dos próprios fundamentos e a vivência comunitária, é estruturada a organização e aspectos corriqueiros do dia-a-dia dentro dos territórios autônomos, diferente do que era retratado usualmente pelos comunicadores independentes ali presentes, como aponta Halking (p. 15):

Ha habido una tendencia en los ‘que vienen de afuera’ de focalizarse en la militarización y violencia en Chiapas, mientras que las comunidades se retratan a sí mismas como sobrevivientes involucrados en el siguiente nivel de lucha y resistencia en contra de la globalización neo-colonialista. Las producciones en distribución internacional son documentales focalizados en proyectos colectivos como el café, textiles, educación, agricultura orgánica, etc.

Ainda assim, o tema do paramilitarismo é recorrente e anuncia situações que, diferente dessas atividades gerenciadas pelos Zapatistas, não permite controle de quem

⁵ <https://www.youtube.com/user/PromediosMexico>

filma. Não raro se exhibe a chegada de tanques dentro do território e os membros Zapatistas tentando dialogar com frases de efeitos, questionando a ação em curso, ou relatando ataques sem justificativa aparente. Há também filmagem do diálogo entre representantes do governo de Chiapas com propostas e imposições. Essas cenas aparecem em sua maioria em plano-sequência (escolha fílmica considerada, por muitos críticos do cinema como a mais próxima da realidade). Geralmente o exército é visto em episódios de invasão de território, onde de um lado estão pessoas fardadas e de outro, rostos cobertos por pasamontaña, a camera sempre do segundo lado, nos dando a imagem subjetiva de quem sofre o ataque.

Os temas abordados também retratam relações de conflito dentre os próprios zapatistas, como a questão de gênero, em que as mulheres zapatistas expõem como funciona a divisão de trabalho, muitas vezes superior ao efetivado pelos homens. Também há denúncias de algumas situações em que são inferiorizadas pelos companheiros, ao mesmo tempo que as Zapatistas se unem, formando uma conjunção dentro do próprio movimento. Rangel (p. 8) também analisa “El material por lo general documenta sus proyectos sustentables, sus cooperativas agrícolas, cafetaleras y textiles, o busca crear conciencia hacia el respeto y la igualdad de género”. Outro assunto recorrente na videografia é a própria produção dos vídeos e como se deu a chegada do audiovisual e do uso das mídias de comunicação dentro dos territórios.

Analisando os vídeos podemos observar que a partir dos anos 2000, com o curta-metragem *El silencio de los Zapatistas*, a abordagem e essência se tornam mais questionadores e combativos que o aspecto de queixa presentes nos anteriores. Nos dois vídeos sobre a questão da mulher, por exemplo, o primeiro, *Mujeres unidas* (1999), se foca nos trabalhos árduos quais são submetidas, enquanto no outro, *La vida de la mujer en resistencia* (2005), as entrevistadas expõem denúncias, se mostram com disposição para modificar esta situação.

O segundo aspecto aqui analisado diz respeito ao aspecto documental que perpassam as imagens, os sons, as entrevistas captados. A apresentação dos territórios autônomos, cujo acesso externo é limitado, ganha o protagonismo. Adentrando casas, plantações, áreas comuns, mas também tudo que há ao seu redor, como montanhas, fontes de água, espécies de fauna e flora. As produções (de alimento, ferramentas, tecidos, roupas, artesanatos) também ganham enfoque, com entrevistas em voz-off que narram todos os processos estampados na tela. É corriqueira a presença de imagens de arquivo, em geral captadas por outros coletivos e emissoras, de ações promovidas pelos Zapatistas na capital Cidade do México e, além disso, fotografias que narram o percurso do EZLN. O som possui apenas duas fontes: direto e musical. A primeira captando sons de natureza, dos trabalhos rotineiros (o tecer, capinar, cozinhar), dos diálogos e das entrevistas. Nos primeiros vídeos predomina a língua castelhana, mas foram sendo incorporadas as línguas originárias, principalmente o Náhuatl. A maior parte dos vídeos possui legenda em inglês, revelando não só a ligação com a ONG estadunidense mas também a tentativa de seu aspecto de alcance global. A segunda fonte, musical, diz respeito à trilhas musicais que possuem ritmos, letras e instrumentos integralmente de tradição indígena de Chiapas.

Dessa forma, o amalgama dos elementos sonoros e imagéticos que pretendem captar a fundo as experiências de um movimento, se transforma não só em impacto imediato proporcionado pela internet, mas também uma espécie de acervo, onde fica memorizado a história que transcorre. Esse acervo pode ser considerado, em certa medida, o canal da PROMEDIOS no Youtube, ele foi criado em 2012 e já possui mais de 200 vídeos. Entretanto, a internet não é o único meio em que os vídeos são distribuídos, desde as primeiras produções os Zapatistas fomentaram uma cultura cineclubista que atualmente faz

parte essencial de sua rotina. O principal é o “*Otro Cine en el Rincón Zapatista*”, um cineclube permanente, semanal, que acontece em territórios autônomos e apresenta filmes com temáticas ligadas a sua luta, mas que não são necessariamente uma produção própria.

Algumas dessas questões são chaves para afirmar a estratégia de produção de vídeos documentais como uma metáfora ao machete, como o fez um dos videístas zapatistas, quando diz que é uma ferramenta que “*sirve principalmente para preparar y limpiar la milpa, para cosechar, y para cortar otros materiales útiles. Su uso como arma, es ciertamente limitado pensando en contextos donde el enemigo viene con armas de fuego. Pero tanto en las comunidades que viven bajo la amenaza del ejército o de los grupos paramilitares como en las organizaciones que defienden los derechos humanos, el video ha adquirido a veces la función de una arma de defensa.*” (Hohler, p.6). O alcance dos vídeos em si pode ser mensurado através da contagem de visualizações de cada um na internet, todavia, seu efeito é inalcançável. O EZLN, assim, não só se mostrou ao mundo ao modo que se veem, como também deixou provas de alguns conflitos. E, além disso, “Com um alcance infinitamente superior ao dos seus velhos fuzis e espingardas que, como eles mesmos reconhecem, não têm condições de enfrentar o poderio bélico do exército federal mexicano, os zapatistas e seus comunicados protagonizaram também desde aquele surpreendente 1º de janeiro uma guerra de e pela informação, praticamente em tempo real, *on-line*” (ORTIZ, 2006, p. 29).

Referências

- BENGOA, José. **La emergencia indígena en América Latina**. Santiago de Chile e México: Fondo de Cultura Económica, 2007. p. 19-125.
- CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. v. 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999. p. 17-106.
- GIL, Antonio C. A. **O lugar dos indígenas na nação mexicana: tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX**. Vitória: Aves de Água, 2013.
- HALKIN, Alexandra. Fuera de la óptica Indígena: Zapatistas e Videístas Autónomos. Disponível em: <http://www.rchav.cl/imagenes7/imprimir/halkin.pdf> Acesso em: 18 de agosto de 2017.
- HOHLER, Axel. Nuestros antepasados no tenían cámaras: el vídeo como machete y otros retos de la videoproducción indígena en Chiapas, México. Disponível em: <http://www.rchav.cl/imagenes4/imprimir/kohler.pdf> Acesso em: 18 de agosto de 2017.
- ORTIZ, Pedro. **Das Montanhas Mexicanas ao Ciberespaço**. In: ORTIZ, Pedro BRIGE, Marco. FERRARI, Rogério (Org.) *Zapatistas, a velocidade do sonho*. Brasília: Entrelivros : Thesaurus, 2006.
- PEREIRA, Eliete da Silva. **Nos meandros da presença étnica indígena na rede social**. In.: DI FELICE, Massimo (Org.) *Do público para as redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008. p. 287-332.

PERÉZ, Luisa Ortiz. **“Hacer la guerra con palabras y no con armas”**. Análisis político del discurso y zapatismo contemporáneo. *Revista Desafíos*. 8 Ed. 2003.